

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE ARTES VISUAIS

SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO

**TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: a sala de aula como lugar para exercícios de
memórias e experiências**

JUIZ DE FORA

2019

SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO

TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: a sala de aula como lugar para exercícios de memórias e experiências

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Ensino de Artes Visuais, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Fabrício Carvalho

JUIZ DE FORA
2019

SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO

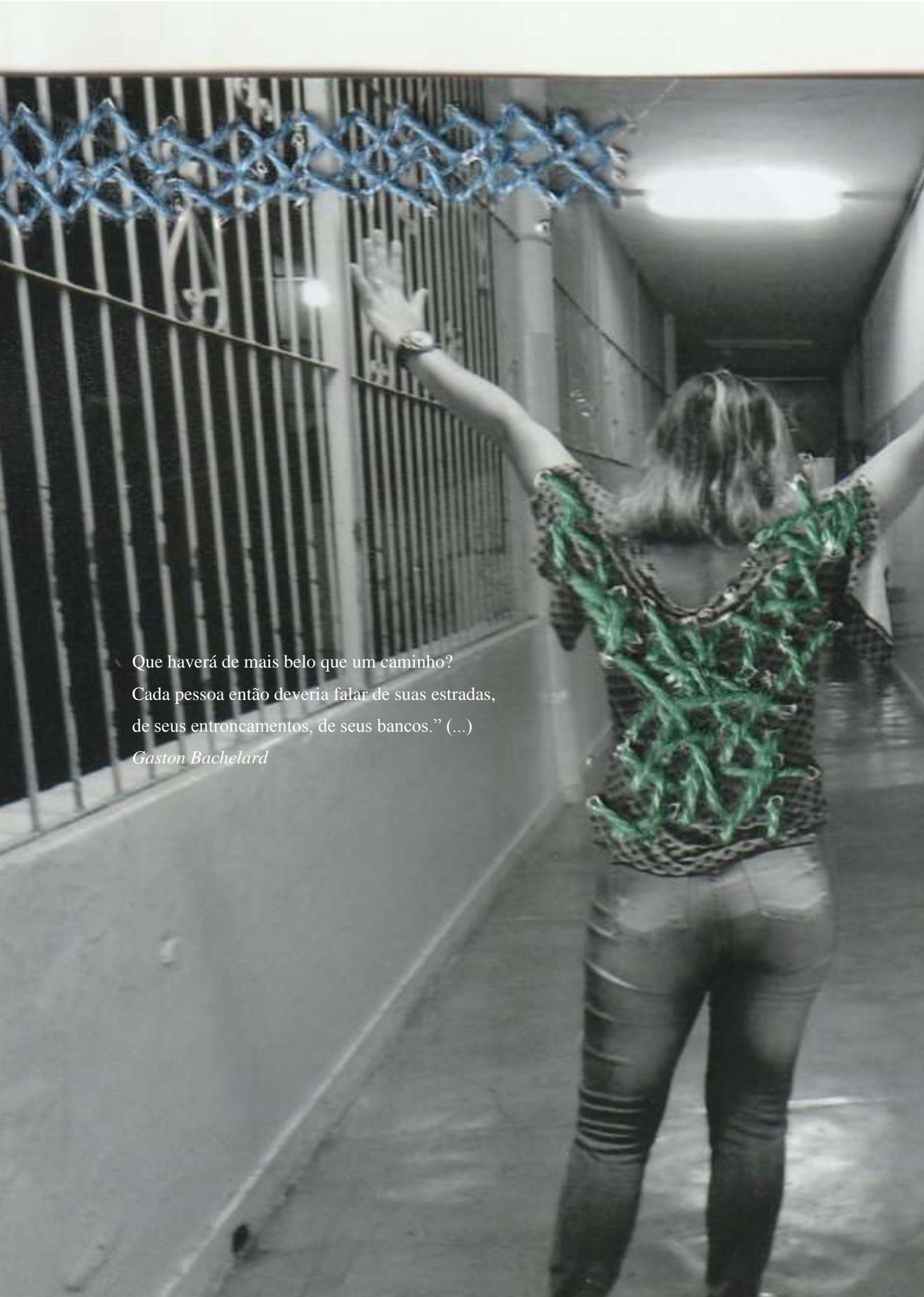
TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: a sala de aula como lugar para exercícios de memórias e experiências

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Ensino de Artes Visuais, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabrício Carvalho

A person with long hair, wearing a patterned top and jeans, stands in a hallway with their arms raised. The hallway has a metal railing on the left and a blue decorative lattice hanging from the ceiling. The person is facing away from the camera, looking towards the end of the hallway.

Que haverá de mais belo que um caminho?
Cada pessoa então deveria falar de suas estradas,
de seus entroncamentos, de seus bancos.” (...)

Gaston Bachelard

SUMÁRIO



RESUMO.....5

1 EXPERIÊNCIA PARA SER PROFESSORA.....7

2 DANDO FORMA AOS SENTIMENTOS.....10

3 A (COLHIDA).....12

COSTURANDO, COLADO, DANDO CORES E NÓS NAS EXPERIÊNCIAS.....21

REFERÊNCIAS.....23

RESUMO

Ao propor a discussão sobre a pertinência de exercícios de memória e importância de abrir espaço para enunciação de histórias de vida, provocando a experimentação e criação e intensificando o movimento de olhar para si e para o outro, o relato coloca em diálogo o trabalho biográfico de sujeitos em condições de aluno do Ensino Jovens e Adultos, de uma escola na rede estadual. Produzidos em aula da disciplina de Artes, os trabalhos foram mediados pelos fazeres expressivos da fotografia, bordado, pintura, recorte-colagem e escrita. O resultado foram narrativas plásticas e textuais, envolvendo os alunos ao presente e também ao passado, considerando a subjetividade e particularidade de cada sujeito como potência para serem quem são. O trabalho de interferência em fotografia reverbera como potente elemento para se repensar as propostas de formação docente, quanto para se ampliar a reflexão sobre os processos de pesquisas no campo (auto)biográfico e sua importância em sala de aula, como desencadeador das memórias de vida. A importância de se investir na prática narrativa pela imagem, até chegar à palavra, alimentando os caminhos de (auto)formação é também evidenciada. Analisando o alcance da atividade proposta, constata-se que é importante que as vozes dos estudantes sejam enunciadas, no dizer e no fazer, enquanto caminham para si e, ao mesmo tempo, ampliam os seus horizontes, pessoais e profissionais, a partir da reflexão sobre si e retorno às memórias por meio das narrativas.

Palavras-chave: Narrativas, histórias, experiências, sala de aula.



1. EXPERIÊNCIA PARA SER PROFESSORA

É de extrema importância para o professor de Artes em uma sala de aula ouvir o aluno e seus interesses, desinteresses e desejos e oferecer aulas em que seja possível o aluno se colocar e manifestar artisticamente. Foi conhecendo as narrativas (auto)biográficas que, enquanto aluna de um curso de Licenciatura em Artes Visuais, pude ver e aprender a importância de ser eu mesma e descobrir formas de narrar minha história. Por meio das narrativas o professor conhece o aluno, sujeito que está sentado em uma carteira na sala de aula e que tem muitos interesses e histórias únicas. Através da minha própria narrativa, sendo ela escrita e feita com registros fotográficos e interferência nesses registros por meio do bordado, eu retomei a mim mesma, à minha infância e à adulta que sou, o que eu gostava de fazer e percebi o que eu podia fazer com a arte na minha vida.

Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, nem devolução, e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela. (WEFFORT, 1995. p.4)

As narrativas foram, então, uma luz que me veio em momentos tão pessoais e únicos, sendo elas muito importantes para nós, professores de Artes Visuais, pois nos permite conhecer o outro à nossa frente, ao mesmo tempo em que temos a oportunidade de refletir sobre nossa prática educativa, enquanto praticantes, usando-as como ferramenta de investigação e criação.

É importante esse processo de narrar sobre a própria vida, pois essa prática propicia um processo de “pesquisa-ação-formação”, conforme coloca Passeggi (2010), já que a escrita, além de comunicar o que já se sabe, ela forma processos de descoberta. “Formar-se é levar a sério a reversibilidade do trabalho de reflexão sobre si mesmo, realizado no processo de autobiografização.” (PASSEGGI, 2010, p. 126). A autora coloca ainda que os acontecimentos têm uma carga emocional e deixam um traço, são experiências fundadoras que abrem espaço para o trabalho de compreensão de como essas experiências afetaram a pessoa que narra. “O que essas experiências fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez?” (PASSEGGI, 2011, p.151).

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente

jaz em nós o esquecido. [...] (BENJAMIN, 1987, p.104,105).

Assim, a partir do que vivenciei durante o curso e os estágios realizados e enquanto professora de Artes e artista, percebo a importância em se ter um olhar atento e uma escuta sensível para as histórias de vida de cada aluno, pois foi desta maneira, sendo vista e escutada que consegui me manifestar e re-conhecer meu lugar por meio da arte.

O processo de criação se dá pela invenção e criação em arte como forma de compreensão desse percurso criador, envolvendo troca por meio do fazer, da observação, do diálogo e da escuta. Todo fazedor de arte está numa busca de uma forma de dizer, uma poética sua que, enquanto ele busca e a obra se faz, ele inventa sua maneira de fazer e criar. O processo de criação, então, oferece possibilidades e articula entre os diferentes campos e com os sujeitos.

Dessa maneira, trago a fotografia como materialidade para minha proposta inicial deste relato, por meio das narrativas (auto)biográficas, já que a fotografia é uma campo que gosto e me sinto à vontade para trabalhar e a vejo como uma forma de o sujeito registrar seu caminho e história. Narrar fotograficamente, buscar registrar o que lhe interessa, o que seus olhos veem e mais ninguém vê. Essa descoberta de fotografar é própria e única quando esse sujeito se situa naquele momento, por meio do registro de pessoas, paisagens ou objetos, fazendo deste instante uma forma de pensar e construir conhecimentos, de olhar. Viver o instante e o trazer por meio da “paralisação” da imagem leva o sujeito a se colocar enquanto pessoa que pensa, sente e vê, resultando em um trabalho de um sujeito que tem experiências e história, um sujeito que sofre estímulos, tem vivência, é atravessado por informações no seu dia a dia, e passa por acontecimentos, experiências e memória. A fotografia, como coloca Christine Delory-Momberger (2010, p.101), pode representar e provocar um reviver, um reconstruir uma história pessoal e familiar. Para a autora, as fotografias tem um efeito de “presentificação” das lembranças: quando cremos nos lembrar do dia ou do evento fotografados, dizemos que “nós revemos” a criança ou o jovem que poderia ter sido nós ou que “revivemos a cena”.

Trago, também, o bordado, a colagem e a pintura, como possibilidades oferecidas para interferência nas fotografias. A escolha inicial seria apenas a fotografia, contudo, em sala de aula, devido à necessidade especial de um aluno, que não possui todos os cinco prolongamentos articulados das mãos, apenas dois, em formato de pinça. Por isso, a ideia inicial em bordado em fotografia foi expandida e essas aulas foram mediadas pelos fazeres

expressivos pintura, recorte-colagem, bordado e escrita. “ [...] quando se apresentam novos conceitos, novos significados, eles somente serão *apreendidos e aprendidos* quando buscamos em nossas experiências aquelas vivências que eles visam representar. [...]”. (DUARTE JÚNIOR, 1994, p.47).

Buscou-se envolver/levar os alunos ao passado, refletindo sobre possibilidades ou limitações no contato com tais materialidades em seu percurso. Por sua vez, as ações engendradas pelos materiais expressivos disponibilizados, que foram a fotografia, bordado, pintura, recorte-colagem e escrita, provocaram, também, a ampliação das sensibilidades, pois a partir daí se instigou a um retorno às memórias por meio da narrativa, ao mesmo tempo em que houve uma manipulação e contato com o material de maior interesse para essa interferência.

Ao trabalhar esse tema buscou-se ressaltar a importância e urgência da temática na formação e prática de professores de Artes Visuais, para que percebam que o sujeito que está à sua frente em uma sala de aula não é apenas mais um aluno, “vazio” de conhecimento e que precisa ser preenchido de conteúdos uniformes e que espera-se um aprendizado igual para todos mas, sim, um sujeito único, que tem interesses, caminhos e histórias de vida diferentes, e que traz em comum o interesse em retornar aos estudos com uma experiência de vida que não deve ser desconsiderada. Nesse sentido, por meio da arte é possível construir conhecimentos de acordo com o que os alunos buscam, ao mesmo tempo apresentar novas formas para construir esse conhecimento humano, não abrindo mão da subjetividade de cada um.

“O processo fotográfico sempre foi visto como uma prova inquestionável de que as coisas são como são” (SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2010), já que a fotografia tem a capacidade de paralisar um momento, registrando fielmente o que se vê. As imagens da realidade podem ser capturadas, preservadas e impressas, podendo esta imagem impressa ser um registro definitivo de que essa realidade existe ou existiu. Assim, a escolha do assunto se dá devido ao meu interesse pelas narrativas (auto)biográficas, despertado no curso de Licenciatura em Artes Visuais e reafirmado na Especialização Ensino de Artes Visuais. Como objetivo geral, buscou-se ampliar a sensibilidade dos alunos, instigando um retorno às memórias por meio de narrativas autobiográficas, provocando a experimentação e a criação, intensificando o movimento de olhar para si e para o outro, articulando dados do vivido por meio da arte. Como objetivos específicos, buscou-se trazer a fotografia como sendo possibilidade de registro individual e único do sujeito que a faz; trazer o bordado, a colagem e

pintura como forma de interferência em uma imagem e possibilidade de novas leituras; dar sentido ao trabalho do sujeito por meio de suas experiências de vida e memória; pensar e construir conhecimento artístico por meio do registro fotográfico e interferência nesse registro.

2 DANDO FORMA AOS SENTIMENTOS

A presente pesquisa pretende relatar minha experiência em sala de aula com uma turma de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), da Escola da rede Estadual, em Belo Horizonte, no ano de 2019, sendo estas aulas mediadas pelos seguintes fazeres expressivos: fotografia, bordado, colagem, pintura e escrita. Em minha prática como docente, sempre busco abrir espaço para a enunciação das histórias de vida de cada aluno: da experimentação com diferentes materialidades no presente, provoco-os também com questões do passado, refletindo sobre como eles chegaram na sala de aula. O que buscam? Quem são essas pessoas que retornam à escola? Quais planos para o futuro?

Por sua vez, as ações engendradas pelos materiais expressivos disponibilizados, através do conhecimento e saber de cada um, da manipulação, da transformação e da criação sobre esses materiais, provocaram, também, a ampliação das sensibilidades. E a partir daí se instigou a um retorno às memórias por meio da narrativa de si. Estimular a criação e a experimentação através de práticas artísticas, intensificar o movimento de olhar para si e para o outro, é abrir espaço para alunos/ sujeitos articularem compreensivamente dados do vivido, projetando-se na palavra que fora fertilizada desde os atos de memória iniciais, à criação plástica.

No processo dessa experiência, tenho o cuidado de observar os dados (a)colhidos por meio de registro em fotografias do que foi experienciado, criando-se um memorial de formação, que pretendo chamar de “Diário de memórias e miudezas”, me apropriando do nome criado pela professora de educação, Luciana Ostetto, que se inspirou no livro *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, do poeta Manoel de Barros. Esse diário é único para cada aluno e é uma espécie de caderno de memórias das coisas fugidias, coleção de ideias, imagens, fragmentos do viver, recolhidos do dia a dia, para serem ressignificados. Mas como isso educa o olhar da professora e de seus alunos?

Para Bondía (2002), é importante pensar a educação a partir do par “experiência/sentido”. Para o autor, devemos dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, pois, a todo momento, somos afetados por estímulos e devemos estar atentos a essa

velocidade e o que ela provoca. O silêncio e a memória são fundamentais para que ocorra uma aprendizagem significativa. Essa possibilidade de experienciar o momento de maneira individual e subjetiva, para Bondía (2012), requer um gesto de interrupção desses tempos tão corridos. Bondía (2012) diz:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Ostetto e Kolb-Bernades (2015) destacam que o indivíduo é o intérprete dele mesmo, reportando-se ao que foram, são e o que desejam ser. Para as autoras, é “por meio do exercício da memória, a história é revisitada pelo olhar que mira o passado nas marcas do presente, oferecendo elementos para a compreensão do percurso e, dessa forma, para o desenho de novas tramas.” (OSTETTO; KOL-BERNARDES, 2015, p.165). Assim, o passado fez-se presente para cada aluno nas ações do rememorar, de construir sua imagem enquanto sujeito histórico que narra enquanto compreende os acontecimentos e a partir daí toma consciência dessa experiência vivida.

Para Passeggi (2011) “a narrativa serve para justificar, mesmo o injustificável, e chegar com ela ao equilíbrio perdido. Contar a história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha.” (PASSEGGI, 2011, p.123).

A narrativa de vida possibilita ressignificar a própria experiência no seu fazer cotidiano, nessa relação entre os sujeitos, nos acontecimentos que deixam marcas de experiências vividas e que devem ser contadas. Uma narrativa não se dá somente pela escrita, mas também por imagens, que contam histórias. Reconhecer e contar essas histórias são muito importantes para nós, professores de Artes Visuais, pois nos permite conhecer o outro à nossa frente, ao mesmo tempo em que temos a oportunidade de refletir sobre nossa prática educativa, enquanto praticantes, usando-as como ferramenta de investigação e criação.

Assim, ao refletir sobre esse meu aprendizado e criação, concluí o quanto é importante o olhar subjetivo de cada um para si mesmo e como as imagens operam para construção de sentidos, revelando desejos, características, anseios e maneiras de ver. Todas as imagens criadas com a fotografia e depois re-criadas pelo bordado convergem para a importância do olhar de quem vê para construir sentido em cada uma dessa imagem.

3 A(COLHIDA)

3.1. Fragmentos de um cotidiano

Pensando como docente sobre a importância do material didático-pedagógico em sala de aula como sendo propositor e devendo estar voltado para as necessidades e vontades dos alunos, respeitando a individualidade de cada um e sua forma de perceber e se expressar no mundo, este relato tem como proposta trazer a experiência de vinte e dois alunos com a fotografia e interferência nela, como meios para desenvolvimento das narrativas pessoais do sujeito, fazendo uso de elementos e suportes como linhas, agulhas, tintas e papel.

Para Ostetto e Kolb-Bernardes (2015), nesse processo de falar de si, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo. As autoras colocam:

O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. Ao comporem narrativas sobre a vida vivida, colocam-se em posição de escuta, olham para múltiplas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser; ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer. Caminhos a percorrer podem ser evidenciados no processo. Pelo trabalho da reflexão, no tramado de relações percebidas, a construção de significados em torno de novas rotas que se anunciam é potencializada. (OSTETTO; KOLB-BERNADES, 2015, p.164).

Nesse mesmo caminho, Passeggi (2011) coloca as narrativas autobiográficas com o objetivo de refletir sobre a ressignificação da experiência, onde, ao narrar a própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse caminho, ela se percebe e reinventa. Mesmo que esse processo de se perceber no mundo e narrar a própria história não seja percebido em primeiro momento como o ponto central da proposta, é esse o interesse, além do fazer artístico. "(...) A noção de consciência histórica só se justifica se permitir à pessoa que narra compreender a historicidade de sua aprendizagem e construir uma imagem de si como sujeito histórico, situado em seu tempo." (PASSEGGI, 2011, p.149).

Para tanto, a proposta se deu em aulas da disciplina de Artes que ministrou em escola da Rede Estadual, em Belo Horizonte. A sala é composta por vinte e seis alunos, mas apenas vinte e dois participaram. Nessa turma de EJA, havia alunos com idades variadas, entre 20 e 70 anos de idade.

Como registro das aulas, foi feito um ensaio fotográfico com as fotografias tiradas pelos alunos depois com a interferência nessas fotografias e com todo o processo de trabalho

deles. Para a apresentação dos dados produzidos, criou-se um vídeo, para que fosse apresentado a todos os alunos.

Como método de pesquisa, esse trabalho tem como formato o relato de experiência, pois é apresentado, de forma sistematizada todo o processo das oficinas, buscando fundamentar teoricamente e nas minhas experiências vividas enquanto professora-artista. A matéria do meu projeto são as próprias fotografias produzidas e as interferências nelas feitas.

Essa atividade foi realizada em duas aulas: na primeira, propus que os alunos formassem duplas e um deveria fotografar o outro, trazendo discussões como a diferença de retrato e *selfie*, nomenclaturas de planos e movimentos e suas funções, e principais botões em uma câmera digital, que foi disponibilizada por mim para que fizessem o registro das fotos. Revelei as fotos em preto e branco e levei para a segunda aula. O motivo pelo qual as fotos preto e brancas foram escolhidas é de nos permitir que linhas e formas sejam evidenciadas, além de potencializar a beleza e dar força à imagem pelas suas sombras, contrastes, estampas, onde muitas vezes a cor natural rouba a atenção de toda foto.

Na segunda aula, fizemos interferências nas fotografias, onde disponibilizei materiais como tinta, pincel, linhas, agulhas, revistas, jornais, cartões, bijuterias, cola, tesoura e papel. Ao mesmo tempo em que o processo criativo estava acontecendo, apresentei aos alunos, utilizando o Power Point do Microsoft Office, referenciais imagéticos de artistas que fazem interferências em fotos por meio das materialidades oferecidas para eles. Assim, sempre que alguém ficava paralisado sem ideias de como fazer com sua foto, ele ia até a sala e se alimentava de outras referências, criando sua própria obra.

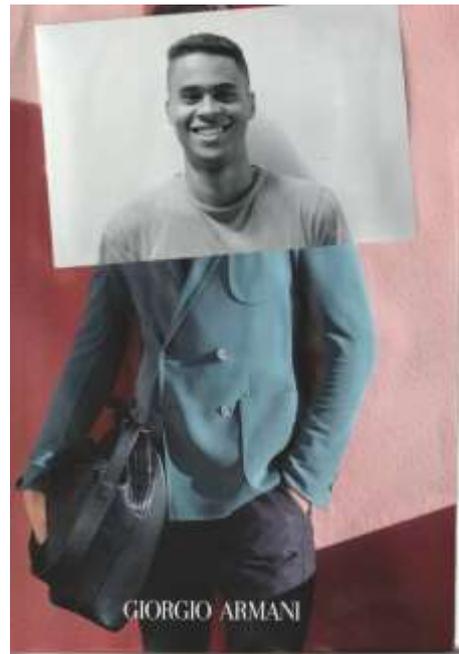
A aula aconteceu no pátio da cantina, um espaço em ar livre que possui mesas grandes e compridas e bancos largos, onde os alunos podiam se movimentar e trocar os materiais entre si. Outro aspecto sobre as aulas era o curto tempo de 45 minutos. Para não perder o fluxo da criação interrompido pela entrada e saídas de professores, a intenção era que os alunos ficassem à vontade até quando o sinal tocasse, eles podiam se direcionar para a sala enquanto eu recolhesse todos os materiais.



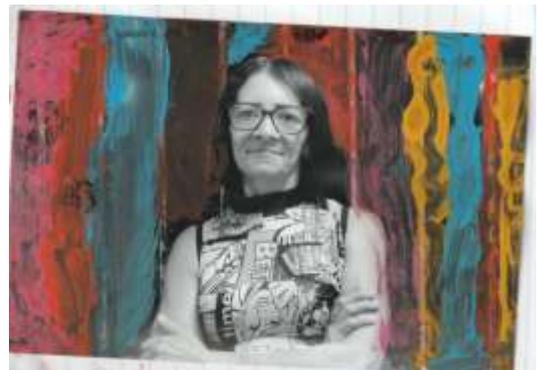
Figuras 1: Imagens selecionadas do processo de interferência nas fotografias pelos alunos.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Foi permitido aos alunos que narrassem por meio das interferências nas fotos sua história, seus aprendizados, como sujeitos históricos, que vivem e situam-se em seu tempo e lugar. Trazer essas percepções, o agir, o exprimir-se através de tecnologias como a fotografia, o bordado, o papel, a tinta, permitiu que eles percebessem que qualquer pessoa pode criar uma obra de arte, pois independe da materialidade, o que importa é a intenção, desde que esse sujeito se dedique a uma proposta poética e domine os elementos visuais e sua materialidade, mesmo que seja por apropriação, por formulação de outros conceitos ou por produção, mas que instaure um outro pensamento estético e poético, além do fazer.

Mesmo o sujeito estando em interação com as máquinas digitais do seu tempo, mergulhado na temporalidade que lhe é própria de sujeito e na interinidade da máquina, com sua velocidade intensa naquele momento, mas que nos deixa memórias registradas, as fotografias, que são uma forma de registro dessa temporalidade do sujeito, são registros do que se passou, mas se preservou por meio dessa memória.









**Figuras 2: Imagens selecionadas das interferências feitas nas fotografias pelos alunos.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

"(...) Carrego comigo a minha fé em Deus e o amor pela minha família, estou aqui por acreditar que sempre podemos alcançar nossos sonhos, cheguei até aqui com muita luta, esforço e perseverança, tenho sonhado em conseguir concluir meus estudos, com um curso superior, meus planos para isso é continuar me esforçando estudando cada vez mais para me preparar melhor (...)." Cristina C. O.

"(...) Não tive oportunidade de estudar quando era jovem. Depois que aposentei estou dedicando aos estudos. A vontade de trabalhar com crianças fez com que eu voltasse a estudar. Com muito esforço e dedicação quero realizar o meu sonho de ser professora na Umei. Os meus sonhos de criança continua sempre." Ana C. C.

"Carrego comigo muitas esperanças de dias melhores, por isso resolvi voltar a estudar, terminando segundo grau, vou fazer concurso público, não pretendo fazer faculdade, minha saúde precisa de mais atenção e quero voltar a malhar. Quando eu era criança, brincava de ser professora, dava aulinhas para meus irmãos. (...)" Patrícia M.

"Sou uma pessoa sonhadora que carrega um sonho de vencer na vida e concluir meus objetivos de vida, hoje na vida tento absorver o máximo de conhecimento e oportunidade que a vida me oferece. Para mim estar aqui hoje não foi muito fácil, tive que vencer minha própria dificuldade, eu não acreditava no meu potencial como pessoa que era muitas vezes inferior às pessoas, depois de voltar a estudar, conhecer pessoas novas, minha mente tem cada vez mais aberto para novas ideias e assim poder sonhar. (...)" Gislaine S.

"(...) Tenho sonhado com minha conclusão de curso...para que eu possa seguir em frente aos meus planos. Tenho feito muito esforço para conseguir meus objetivos, me dedicado ao máximo, embora a carga horária de aulas é mais corrida; mas tenho certeza que Deus está no comando e tudo vai dar certo, não pretendo sobre hipótese alguma desistir. Quando crescer...vou ter a concretização e a chance de conseguir me tornar uma boa profissional na especialidade que escolher, sem deixar lacunas em vão. Hoje posso afirmar que os meus sonhos, desde que 'eu era criança' está acontecendo, para honra e glória de Deus e Nossa Senhora." Alessandra B. O.

"Quem sou eu? Bom, pode parecer uma pergunta difícil, considerando que eu deva ser a pessoa que mais me conheça, porém essa pergunta se torna difícil, levando em conta que podemos ser qualquer coisa a qualquer momento, ou porque não dizer que somos várias pessoas? Em casa, sou filho, sou neto, sobrinho e irmão, na escola sou aluno, amigo, na rua sou um qualquer e por aí vai. Mas a questão é: quem sou hoje? Hoje sou uma pessoa que já passou tanta barra na vida, que só quer ajudar os próximos e não passarem pela mesma coisa. (...)" Guilherme H. M.

Narrativas selecionadas feitas pelos alunos.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A fotografia pode oferecer ao aluno o conhecimento de si mesmo quando ele se coloca atrás da lente. Percebe e registra o mundo à sua maneira, assim também quando é capturado pela câmera, a maneira como o mundo o enxerga. Alguns alunos se apresentaram receosos ao posar em frente a uma câmera, outros já se apresentaram sem nenhum acanhamento. Martins e Tourinho citam Clandinin e Connelly: “[...] A força produtiva da memória se manifesta também de forma inventiva, criando narrativas com detalhes que não podem ser, necessariamente, evidenciados, mas que são testemunhos da nossa subjetividade. [...] (p.154).

A proposta para as aulas foram feitas e realizadas por mim, como experiência para se acrescentar à minha formação enquanto professora-artista ao mesmo tempo para dar voz a esses sujeitos que, mais uma vez, estão em sala de aula, com histórias de vida e trajetórias diferentes.

Minhas considerações sobre essa turma são as de que foi uma experiência incrível, pois a cada foto costurada, pintada ou com colada, se tinha uma história por trás, um desejo de reviver aquele momento e dar vida àquela foto com as cores e texturas. Histórias de como chegaram mais um vez à sala de aula, de desejo em iniciar em curso superior, de mudar de emprego, de conseguir um emprego, histórias reais, inventadas e recriadas. As imagens foram vistas pelos alunos em conjunto, todos em sala de aula, olhando todas as fotos e puder perceber o olhar de cada um para sua foto e para si, buscando trazer momentos passados, como na infância, para aquele momento, para aquela pose feita, para a escolha do material da interferência.

Tanto as imagens quanto a escrita dos alunos possibilitou um olhar ao outro e um retorno a mim mesma. Ouvir a história do sujeito que está à sua frente, que tem toda uma história de vida, uma trajetória de erros, acertos e tentativas, possibilita uma reflexão ainda maior sobre essa importância de dar voz aos alunos, de trazer a história de vida deles concomitantemente com o aprendizado da escola, dos saberes de sala de aula que lhe foram negados em algum momento, de maneira individual.

A escrita de si, sendo esta escrita feita com palavras ou imagens, é um processo importante em sala de aula, pois reafirma a presença de um sujeito que tem experiências e histórias de vida únicas. Desenrolar linhas, furar imagens e dar nós, folhear revistas, recortar, colar, usar tintas e pincéis. Na tentativa de interferir na foto e ao mesmo tempo um retorno às memórias, todo um processo de costura e fazer de si que vai e que volta, foi o disparador de memórias e que se tornou útil para potencializar e trazer fragmentos de histórias que compõem a narrativa de vida de cada aluno.

COSTURANDO, COLANDO, DANDO CORES E NÓS NAS EXPERIÊNCIAS

*Ninguém adquire novos conhecimentos se estes não se referirem às suas experiências de vida. Novos significados somente serão incorporados à estrutura cognitiva do indivíduo se constituírem simbolizações de experiências já vividas. (...) os símbolos já presentes no repertório do indivíduo só o estão porque surgiram a partir de suas vivências. Novos significados, quando adquiridos desta maneira, são *filtrados* por aqueles já presentes, oriundos de experiências vitais. Nosso universo simbólico, nossa “visão de mundo”, está intimamente relacionada com nossa existência concreta. [...] (DUARTE JÚNIOR, 1994, p.32)*

É com esta citação de Duarte Júnior que, para além da disciplina de Artes que sou professora, e desejando compartilhar a experiência, considerando a potência de seu conteúdo para o campo da pesquisa (auto)biográfica e da formação de professores em arte, me senti imersa mais uma vez no sujeito em minha frente e quais histórias de vidas poderia trazer com ele. Eu trouxe meu trabalho de fotografia e bordado sobre fotografia como ponto de partida, como um estímulo para que eles realizem seus próprios trabalhos da forma como desejassem. Aprendi que sou formadora, mas também me formo a cada relação com aquele que está em formação. Ao receber suas histórias, puxo fios das minhas próprias histórias e me (re)faço no cotidiano, nas aulas, nas obras produzidas, nos diálogos, nos sentidos compostos com os estudantes.

As narrativas são muito importantes para nós, professores de Artes Visuais, pois nos permite conhecer o outro à nossa frente, ao mesmo tempo em que temos a oportunidade de refletir sobre nossa prática educativa, enquanto praticantes, usando-as como ferramenta de investigação e criação.

Busquei envolver os alunos, uns com os outros, durante o processo de criação e promover o desenvolvimento das narrativas pessoais de cada um. O ato de narrar o próprio caminho, o vivido e o que se pretende e deseja viver, leva os alunos a reconhecerem-se como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido a esse caminho percorrido. O cotidiano se dá, então, como fonte inspiradora para essa criação por meio da observação e registro artístico, onde há a provocação em relação às pequenas coisas que passam despercebidas no nosso dia a dia e que são potências para se fazer arte.

A importância das aulas não se deu por ser a fotografia uma representação da realidade que está diante da câmera, mas na amplitude e clareza dos conceitos que expressa, por ser a imagem uma forma de descrição e traz situações, pessoas, memórias que podem ser revisitadas, vistas e re-criadas por outros ângulos, olhares e momentos.

Refleti sobre esse meu aprendizado com eles e concluí o quanto é importante o olhar subjetivo de cada um para si mesmo e como as imagens operam para construção de sentidos, revelando desejos, características, anseios e maneiras de ver. Todas as imagens criadas com a fotografia e depois re-criadas pelas interferências convergem para a importância do olhar de quem vê para construir sentido em cada uma dessa imagem.

É necessário, como professora de Artes, entender e deixar que os alunos façam escolhas no processo do ensino-aprendizagem, pois são sujeitos diferentes e cada um tem suas escolhas, preferências e história. O que foi vivenciado por mim e que me tocou e sempre toca, é ver o processo de aprendizado e fazer de cada aluno. Independente de como fazem, da materialidade que usam, a cada aula para mim é uma experiência nova e sempre me preparo para (a)colher tudo que me ensinam em sala de aula.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: **A poética do espaço**. Martins Fontes, São Paulo, 1988. p.199-245.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 edição, São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas: volume 1. P. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, volume 2, 1987. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. Disponível em: <https://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf> Acesso em: 15/05/2018

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 15/05/2018

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Artezanato Eletrônico. 2010. Filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0>. Acesso em Abril de 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, Volume 17, Número 51. Universidade de Paris 13. P. 523-536.

DELORY-MOMBERGER, C. **Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si**. In: VICENTINI, P.P.; ABRAHÃO, M. H. M. B. Sentidos , potencialidades e usos da autobiografia. São Paulo: Cultura Acadêmica , 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3ª edição, Campinas, S.P.: Papirus Editora. 1994.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Cap VI: **(Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência**. In.: Pesquisa Narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. 2017, p.143-165.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Modos de falar de si: dimensão estética nas narrativas autobiográficas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000100161&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 22/10/2017

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>. Acesso em 16/10/2017.

WEFFORT, Madalena Freire. **Educando o olhar da observação**. (Org.) In.: Observação – Registro – Reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995, p.1-36.

